

DROGAS, HIPOCRISIA E PODER: OS PARADOXOS DE HITLER E FREUD NO INÍCIO DA ERA PROIBICIONISTA

DRUGS, HYPOCRISY AND POWER: THE PARADOXES OF HITLER AND FREUD AT THE BEGINNING OF THE PROHIBITIONIST ERA

DROGAS, HIPOCRÉSIA Y PODER: LAS PARADOJAS DE HITLER Y FREUD AL COMIENZO DE LA ERA PROHIBICIONISTA

Bruno Leitão¹

Centro Universitário Cesmac, Alagoas, Brasil¹⁰

Francisco de Assis de França Júnior²

Centro Universitário Cesmac, Alagoas, Brasil¹⁰

Renato Kramer da Fonseca Calixto³

Humboldt-Universität zu Berlin, Berlin, Alemanha¹⁰

Recebido: 2025-02-06

Aceito: 2025-03-07

Autor: Bruno Leitão *E-mail:* brunoleitao.adv@hotmail.com

SUMÁRIO: *Introdução; 1 Hipocrisia e contradição: Hitler, Freud e a relação privada com as drogas; 2 A atmosfera de hipocrisia que capturou o contexto de vida de ambos; 3 O uso de drogas pelas tropas alemãs na Segunda Grande Guerra; Considerações finais; Referências.*

CONTEXTUALIZAÇÃO: O presente artigo analisa criticamente a interseção entre o ideário proibicionista das drogas e a hipocrisia que marcou a relação de Adolf Hitler e Sigmund Freud com substâncias psicoativas. Embora ambos tenham sido usuários de determinadas drogas, o fortalecimento do discurso proibicionista os levou a ocultar ou minimizar publicamente esse aspecto de suas biografias. Essa contradição revela como a moralização e a criminalização do uso de drogas foram moldadas por interesses políticos e econômicos, contribuindo para um ambiente repressivo.

OBJETIVOS: O estudo tem como objetivo investigar de que forma o ideário da “guerra às drogas” influenciou a construção de um cenário de hipocrisia na vida de Hitler e Freud. Busca-se demonstrar que, apesar das diferenças ideológicas e históricas entre os dois personagens, ambos foram impactados por uma lógica proibicionista que moldou seu comportamento e discurso público.

METODOLOGIA: A pesquisa adota o método de abordagem hipotético-dedutivo, com enfoque qualitativo, amparado por revisão de literatura. A análise articula referências históricas e criminológicas, a fim de contextualizar a ascensão do proibicionismo no início do século XX e seus reflexos na vida dos personagens estudados.

RESULTADOS: A análise revela que o proibicionismo consolidou-se como um instrumento de controle social e político, independentemente da ideologia dos regimes que o adotam. Hitler, mesmo promovendo publicamente um discurso moralista, utilizava diversas substâncias, como opioides e metanfetaminas, sob prescrição médica. Freud, por sua vez, foi um entusiasta da cocaína, mas omitiu essa relação em sua obra principal. Conclui-se que ambos os casos exemplificam como o proibicionismo opera com base em construções ideológicas, promovendo uma cultura de hipocrisia que persiste até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Controle social; Guerra às drogas; Hipocrisia legislativa; Hitler; Freud; Proibicionismo.

¹ Doutor em Direito pela PUCRS. Mestre em Direito Público pela UFAL. Professor de Direito Penal no Centro Universitário CESMAC – Maceió/AL. Advogado.

² Doutor e Mestre em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Portugal. Professor da Graduação e do Programa de Pós-Graduação no Centro Universitário CESMAC – Maceió/AL. Advogado.

³ Doutor em Direito Penal (Humboldt-Uni/Berlim). Mestre (Faculdade Damas/PE e Humboldt-Uni/Berlim). Especialista em Ciências Criminais (IBCJUS). Advogado.

CONTEXTUALIZATION: This article critically analyzes the intersection between the prohibitionist ideology on drugs and the hypocrisy that marked Adolf Hitler and Sigmund Freud's relationship with psychoactive substances. Although both individuals were users of certain drugs, the strengthening of prohibitionist discourse led them to publicly conceal or minimize this aspect of their biographies. This contradiction reveals how the moralization and criminalization of drug use were shaped by political and economic interests, contributing to a repressive environment.

OBJECTIVES: The study aims to investigate how the ideology of the "war on drugs" influenced the construction of a hypocritical framework in the lives of Hitler and Freud. It seeks to demonstrate that, despite their ideological and historical differences, both were affected by a prohibitionist logic that shaped their behavior and public discourse.

METHODOLOGY: The research adopts a hypothetical-deductive approach, with a qualitative focus, grounded in a literature review. The analysis incorporates historical and criminological references to contextualize the rise of prohibitionism in the early 20th century and its impact on the lives of the subjects examined.

RESULTS: The analysis demonstrates that prohibitionism has been consolidated as a mechanism of social and political control, regardless of the ideological orientation of the regimes that adopt it. Hitler, while publicly promoting a moralist discourse, regularly used various substances such as opioids and methamphetamines under medical prescription. Freud, in turn, was an enthusiast of cocaine but omitted this relationship from his main body of work. It is concluded that both cases exemplify how prohibitionism operates based on ideological constructs, fostering a culture of hypocrisy that persists to this day.

KEY WORDS: Hitler and Freud; Legislative hypocrisy; Prohibitionism; Social control; War on drugs.

CONTEXTUALIZACIÓN: El presente artículo analiza críticamente la intersección entre la ideología prohibicionista en torno a las drogas y la hipocresía que marcó la relación de Adolf Hitler y Sigmund Freud con sustancias psicoactivas. Aunque ambos fueron usuarios de determinadas drogas, el fortalecimiento del discurso prohibicionista los llevó a ocultar o minimizar públicamente este aspecto de sus biografías. Tal contradicción revela cómo la moralización y criminalización del consumo de drogas fueron moldeadas por intereses políticos y económicos, contribuyendo a un entorno represivo.

OBJETIVOS: El estudio tiene por objetivo investigar de qué manera la ideología de la "guerra contra las drogas" influyó en la construcción de un escenario de hipocresía en la vida de Hitler y Freud. Se pretende demostrar que, pese a sus diferencias ideológicas e históricas, ambos fueron impactados por una lógica prohibicionista que modeló su conducta y su discurso público.

METODOLOGÍA: La investigación adopta un método de enfoque hipotético-deductivo, con perspectiva cualitativa, sustentada en revisión bibliográfica. El análisis articula referencias históricas y criminológicas con el fin de contextualizar el ascenso del prohibicionismo a inicios del siglo XX y sus repercusiones en la vida de los personajes analizados.

RESULTADOS: El análisis demuestra que el prohibicionismo se ha consolidado como un instrumento de control social y político, independientemente de la ideología de los regímenes que lo aplican. Hitler, a pesar de promover públicamente un discurso moralista, utilizaba diversas sustancias como opioides y metanfetaminas bajo prescripción médica. Freud, por su parte, fue un entusiasta de la cocaína, pero omitió esta relación en su obra principal. Se concluye que ambos casos ejemplifican cómo el prohibicionismo opera sobre la base de construcciones ideológicas, promoviendo una cultura de hipocresía que persiste hasta nuestros días.

PALABRAS CLAVE: Control social; Guerra a las drogas; Hipocresía legislativa; Hitler y Freud; Prohibicionismo.

INTRODUÇÃO

No momento, não há muito o que escrever de novidade sobre as atrocidades produzidas pelo regime nazista. Há décadas, políticos, jornalistas e historiadores se dedicam a tentar decifrar a série de fatores que teria levado Adolf Hitler (e partidários) ao poder na Alemanha em 1933. As consequências da estrutura a partir dali implantada já são muito conhecidas do público. Esse, portanto, não será o foco do texto que adiante se desenvolve.

De modo semelhante, ao menos em termos de discussão, sobretudo no ambiente acadêmico, pode-se perspectivar o conjunto da obra de Sigmund Freud. Entre os saberes “psi” e a criminologia, por exemplo, são frequentes as interpretações propostas como tentativa de compreensão do comportamento geralmente encarado como criminoso. Id, ego e o superego são as expressões cujas menções parecem obrigatórias nesse contexto.

Assim, os personagens enfocados são amplamente conhecidos do público e da academia, embora tenham impactos absolutamente diferentes no curso da história humana moderna.

Todavia, o que talvez não se apresente como clara é a existência de uma relação entre os personagens mencionados e a dinâmica da “guerra às drogas”, como o proposto no título da presente pesquisa. Embora não seja comum – e justo por isso se persegue uma originalidade no que se desenvolverá na sequência –, a questão inicialmente colocada exige-nos demonstrar existir uma relação possível entre eles, o que se explica abaixo.

Começemos por dizer que, as trajetórias que aqui nos servem de parâmetro, tanto a de Hitler quanto a de Freud, não estão desconectadas em termos históricos. Não custa lembrar que, a despeito de ter ordenado a queima dos livros de Freud, o chanceler Adolf Hitler não se ressentiu em permitir o desenvolvimento de uma “versão ariana da psicanálise”, tendo inclusive apoiado a criação do “Instituto de Psicoterapia do Reich”.⁴

Ocorre que, segundo perspectivamos, o episódio mais emblemático dessa relação entre os personagens aqui enfocados será, sem dúvida, o episódio da fuga de Freud – que era judeu – da Áustria, o que começa a ser organizado quando, em março de 1938, os nazistas invadem aquele território.⁵ Freud fugira para Londres, onde, com câncer, morreria em setembro de 1939, em razão de um “suicídio assistido”, isso por aplicações de morfina.⁶

Curiosamente, em abril de 1945, pressionado pelas derrotas significativas impostas pelos países que se aliaram contra o nazismo, também Hitler morreria pelo suicídio. Primeiro com a ingestão de cianeto de hidrogênio – mais uma relação com Freud: o uso da droga para dar cabo da vida; sendo que, Freud para se ver livre da dor, mas Hitler para não ser capturado –, e, na sequência, com “um tiro na cabeça com uma Walther de 6.35mm”.⁷

Nesse contexto, a pesquisa aqui desenvolvida parte da relação já evidenciada, de personagens que são contemporâneos, cujas biografias se conectam, sobretudo pelo uso de determinadas drogas, imersos em um caldo cultural que, hipocritamente, solidificava a perspectiva de que elas eram um mal em si, como algo a ser eliminado, ou escondido de suas biografias, o que alimenta as cobranças por uma “guerra às drogas”.⁸

Dessa maneira, a problemática que aqui se coloca estará focada nas questões que seguem: como o ideário da “guerra às drogas” influenciou a construção de um cenário de hipocrisia na vida de ambos os personagens? E mais: por que, tanto Hitler quanto Freud, usuários de determinadas drogas, pareciam se negar a admitir publicamente impactos (benéficos, inclusive economicamente) das drogas consumidas?

Com o objetivo de fazer refletir criticamente sobre como o ideário de “guerra às drogas” é partidário, não estando atrelado a um específico tipo de ideologia política, a hipótese que se sustenta a seguir é a de que, mesmo diante de personagens tão díspares em suas formas de pensar e de agir, o referido ideário é historicamente tão eficiente ao ponto de nos permitir perspectivar tanto Hitler quanto Freud num contexto de flagrante hipocrisia.

⁴ COHEN, David. *Freud e a cocaína*. Trad. Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 48.

⁵ O episódio é narrado em: COHEN, David. *A fuga de Freud*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2011.

⁶ COHEN, David. *Freud e a cocaína*. Trad. Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 213.

⁷ OHLER, Norman. *High Hitler: como o uso de drogas pelo Führer e pelos nazistas ditou o ritmo do Terceiro Reich*. Trad. Sílvia Bittencourt. São Paulo: Planeta, 2017. p. 431.

⁸ FRANÇA JÚNIOR, Francisco de Assis de. *Criminologia das drogas - desvelando o vício brasileiro pela guerra*. São Paulo: Meraki, 2021.

Por fim, o método utilizado para o desenvolvimento da presente pesquisa será o qualitativo, com ênfase numa abordagem hipotético-dedutiva, amparada numa revisão de literatura, em que se entrelaçam tanto perspectivas criminológicas quanto históricas.

2 HIPOCRISIA E CONTRADIÇÃO: HITLER, FREUD E A RELAÇÃO PRIVADA COM AS DROGAS

A ideia de que Hitler não suportasse a possibilidade de utilização de drogas pela sociedade alemã pode ser contestada quando se observa a literatura mais recente a respeito de sua vida privada. Norman Ohler⁹, por exemplo, explica que “O mito do inimigo das drogas e do abstinente Hitler, que punha de lado as próprias necessidades, era um componente essencial da ideologia nacional-socialista e foi sempre encenado pela mídia”. O autor adverte que, na realidade, foi criado “um mito que se fixou tanto na opinião pública como também entre pensadores críticos e que ecoa até hoje. Um mito que deve ser derrubado”.

Hitler, no entanto, segundo apuração de Norman Ohler¹⁰, era um usuário frequente de diversas drogas, que iam desde injeções de “vitaminas e glicose”, prescritas por seu médico pessoal – cujos registros serviram de base para a pesquisa de Ohler –, até hormônios, esteroides e barbitúricos. Entre essas substâncias, foram injetados nele hormônios de animais, incluindo porcos, que aparentavam surtir efeito. Estima-se que Hitler tenha recebido cerca de 800 injeções ao longo de 1.349 dias, além de ter sido tratado com uma droga chamada Eukodal (atualmente conhecida como Oxycodona), utilizada para dores severas e classificada como um opioide – a segunda classe de drogas mais consumida globalmente, de acordo com dados de 2024 da *United Nations Office on Drugs and Crime* (UNODC)¹¹.

Além das drogas já mencionadas, a pesquisa de Norman Ohler¹² apresenta fortes indícios de que Hitler consumiu cocaína em pelo menos 15 ocasiões, concluindo que: “E não era uma pequena dose da droga. Era a substância pura dada a ele pela SS (*Schutz-Staffel*, corpo de elite e guarda-costas do *Führer*)”. O autor ainda explica que “Houve momentos em que ele [Hitler] tomava cocaína e Eukodal em um período de algumas horas, uma combinação que no jargão das drogas é conhecida como *speedball*”. Segundo Ohler¹³, Hitler “acostumou-se com as repetidas picadas e com o conseqüente fluir misterioso de uma substância supostamente potente nas suas veias”.

Apesar disso, como observa Łukasz Kamiński¹⁴, seu comportamento em relação ao tema era paradoxal: “no fumaba, detestaba la bebida y era un vegetariano convencido”, mas “estaba enganchado a varios fármacos, en especial a las sustancias psicoactivas”.

Assim, percebe-se que a relação de Hitler com as drogas em sua vida privada contrastava com o ideário de “guerra às drogas”. Na realidade, era uma relação amistosa e de certa dependência, levando-o a recorrer a diversas substâncias para se sentir melhor, especialmente diante das pressões que a guerra impunha ao odioso regime nazista.

Entretanto, como constatado por David Cohen¹⁵, quando, em janeiro de 1933, Hitler ascendeu à chancelaria alemã, dentre outros, “Os livros de Freud foram queimados”, de maneira que, “Para os nazistas, teria sido um enorme ato de propaganda denunciar a psicanálise como uma ciência judaica idealizada por um ‘cocainômano’ degenerado”.

⁹ OHLER, Norman. *Higb Hitler*: como o uso de drogas pelo Führer e pelos nazistas ditou o ritmo do Terceiro Reich. Trad. Sílvia Bittencourt. São Paulo: Planeta, 2017. p. 40.

¹⁰ OHLER, Norman. *Higb Hitler*: como o uso de drogas pelo Führer e pelos nazistas ditou o ritmo do Terceiro Reich. Trad. Sílvia Bittencourt. São Paulo: Planeta, 2017. p. 58 ss.

¹¹ UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. *Relatório Mundial sobre Drogas 2024 do UNODC alerta para o crescimento do problema das drogas no mundo em meio à expansão do uso e dos mercados de drogas*. 2024. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2024/06/relatorio-mundial-sobre-drogas-2024-do-unodc-alerta-para-o-crescimento-do-problema-das-drogas-no-mundo-em-meio-expanso-do-uso-e-dos-mercados-de-drogas.html>. Acesso em: 5 fev. 2025.

¹² OHLER, Norman. *Higb Hitler*: como o uso de drogas pelo Führer e pelos nazistas ditou o ritmo do Terceiro Reich. Trad. Sílvia Bittencourt. São Paulo: Planeta, 2017. p. 273 ss.

¹³ OHLER, Norman. *Higb Hitler*: como o uso de drogas pelo Führer e pelos nazistas ditou o ritmo do Terceiro Reich. Trad. Sílvia Bittencourt. São Paulo: Planeta, 2017. p. 59.

¹⁴ KAMIŃSKI, Łukasz. *Las drogas en la guerra*. Una historia global. Trad. David Paradelo López. Madrid: Crítica, 2017. p. 553.

¹⁵ COHEN, David. *Freud e a cocaína*. Trad. Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 205.

No caso de Freud, é seguro dizer que se tratava de um usuário habitual de cocaína, droga com a qual iniciara o contato “em 30 de abril de 1884, uma semana antes do seu aniversário de 28 anos”¹⁶. Tanto é assim que se perspectiva que seus experimentos com a droga “viriam a exercer forte influência na percepção social, cultural e médica da droga – influência que continua vigente”. De maneira que “contribuíram para formar a grande divisão convencional entre drogas boas, terapêuticas e medicinais, prescritas por médicos bons e sensíveis, e drogas recreativas ruins, vendidas por traficantes demoníacos”¹⁷.

Observe-se que, embora Freud tivesse contato regular com a cocaína e abordasse uma ampla variedade de temas em seus escritos, é curioso notar que “nas Obras completas não há nenhum texto sobre a cocaína, apesar de Freud ter escrito quatro artigos sobre o tema e ter ficado muito orgulhoso deles à época da publicação”¹⁸. Ou seja, apesar de ter se dedicado ao estudo dos efeitos da droga por um período considerável de sua vida, limitou-se a escrever apenas alguns artigos sobre o assunto.

Como observado por Júlia Reis da Silva Mendonça¹⁹, embora não exista menção à cocaína, “nas Obras completas de Freud, entre os artigos publicados, [encontravam-se] referências sobre o álcool e outras drogas em uma época em que uma volumosa correspondência acontecia entre Freud e Fliess”. A autora destaca ainda que Freud afirmava ser “quase impossível vivermos a vida como ela se apresenta, em função das diversas dificuldades, decepções e exigências que a cultura impõe”, de maneira que o consumo das drogas poderia ser “forma de amenizar o mal-estar e buscar a felicidade”²⁰.

Assim, observa-se que a cocaína desempenhou um papel relevante na construção de sua obra, levando-o a desenvolver técnicas de auto-observação que influenciaram diretamente seus estudos sobre os sonhos. Caso contrário, adverte-nos David Cohen²¹, “não teria embarcado na famosa autoanálise, na qual se baseia a ‘invenção’ da psicanálise”.

Freud²² “nunca admitiu publicamente que a cocaína tivesse um papel importante no seu desenvolvimento intelectual ou emocional”, de modo que, “atribuía sua originalidade e seu sucesso como pensador a dois fatores: Primeiro, como judeu, ele estava condenado a ser um *outsider* e, portanto, podia ser um ‘opositor ousado’, livre das amarras da ortodoxia. Em segundo lugar, ele se permitia ousar devido ao amor materno e ao fato de ser o ‘favorito inegável’, o que o fazia se sentir como uma espécie de ‘conquistador’”.

Nesse passo, David Cohen²³ argumenta: “Não sou freudiano de carteirinha nem um crítico virulento da sua obra, porém quanto mais estudo Freud (há cerca de 40 anos) mais me parece óbvio que ele não foi totalmente honesto nem preciso ao escrever sobre si mesmo”. O autor arremata destacando que, estranhamente, “Freud era relativamente sincero sobre a sua necessidade de charutos, mas muito menos sobre a necessidade de cocaína.”²⁴.

Ambos, portanto, mantinham uma relação amistosa com drogas com alto potencial de impacto no funcionamento da mente e do corpo, drogas que começavam a se estruturar num contexto de proibicionismo, algumas delas utilizadas social e medicamente no contexto histórico em que ambos se inseriam, mas que já começavam a ser incluídas num processo propagandístico impulsionado, principalmente, pelos interesses americanos.

¹⁶ COHEN, David. *Freud e a cocaína*. Trad. Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 14-15.

¹⁷ COHEN, David. *Freud e a cocaína*. Trad. Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 17.

¹⁸ COHEN, David. *Freud e a cocaína*. Trad. Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 19.

¹⁹ MENDONÇA, Júlia Reis da Silva. A droga como um recurso ao mal-estar na civilização. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 240-260, ago. 2011. p. 252.

²⁰ MENDONÇA, Júlia Reis da Silva. A droga como um recurso ao mal-estar na civilização. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 240-260, ago. 2011. p. 256.

²¹ COHEN, David. *Freud e a cocaína*. Trad. Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 19.

²² COHEN, David. *Freud e a cocaína*. Trad. Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 22-23.

²³ COHEN, David. *Freud e a cocaína*. Trad. Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 25.

²⁴ COHEN, David. *Freud e a cocaína*. Trad. Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2014. p. 23-24. Sobre a importância da droga na vida de Freud, veja-se: MARKEL, Howard. *An Anatomy of Addiction: Sigmund Freud, William Halsted, and the Miracle Drug Cocaine*. New York: Vintage, 2012. Segundo citado o autor: “Any doctor in Vienna at the turn of the last century could have procured as much cocaine as his pocketbook allowed. But there is no question that Freud’s cocaine abuse was often facilitated by Wilhelm Fliess”. p. 211.

3 A ATMOSFERA DE HIPOCRISIA QUE CAPTUROU O CONTEXTO DE VIDA DE AMBOS

A divulgação em massa de que as drogas precisavam ser combatidas e extirpadas do convívio social se vê impulsionada, principalmente, a partir do território americano, protagonizando-se uma “colonização ideológica”²⁵, alcançando seu auge de disseminação nos anos de 1970, quando as drogas foram elevadas “à questão de ‘Segurança Nacional’”, o que serviria de mote para a ampliação da influência americana no restante do mundo.²⁶

Ocorre que, mesmo antes, ou seja, na época dos personagens enfocados na presente pesquisa, as drogas já se inseriam num contexto de demonização, dificultando o debate sobre políticas públicas menos invasivas e traumáticas diante do consumo problemático.

No início da década de 1920, por exemplo, instrumentalizava-se, com vigor, um *ideário proibicionista*, com iniciativas das autoridades americanas no sentido de criminalizar o comércio e o consumo das drogas, incluindo-se o álcool, pressupondo-se que, com essa providência, se conseguiria reduzir a criminalidade, o que não ocorreu. Embora o tratamento tenha endurecido, boa parte das drogas demonizadas se disseminou no mundo.

Segundo Antonio Escohotado²⁷, dois fatores teriam impulsionado os americanos a encampar uma batalha contra as drogas no início do século XX: o primeiro seria um vigoroso puritanismo, aliado ao fato de que determinadas drogas se vinculavam a determinados grupos sociais, com costumes e religiões diferentes, condição associada aos imigrantes, tradicionalmente estigmatizados; o outro fator seria um embate, pelo monopólio das drogas, entre médicos e farmacêuticos contra curandeiros e herboristas.

O fato é que as autoridades americanas perceberam que, pelo menos no que se refere ao álcool, a proibição não só não conteve a criminalidade como também a alimentou, com o fortalecimento de redes clandestinas de comércio e de consumo de bebidas alcólicas, e tudo mais o que isso provocava (péssima qualidade do produto por falta de fiscalização, intoxicação de consumidores, corrupção em diversos níveis, sonegação de tributos, etc.), de modo que a solução adotada foi a revogação da proibição que havia sido imposta, reconhecendo-se a injustiça, a hipocrisia e um ambiente propício ao crime organizado.²⁸

Entretanto, a aceitação social do álcool não alcançou as demais substâncias,²⁹ alimentando-se cada vez mais o ideário proibicionista contra drogas cujo potencial de dano pode ser consideravelmente menor do que o álcool, como é o caso da maconha. Investigue-se, a propósito, o impacto, nos serviços de saúde, ou mesmo nos serviços de trânsito, do consumo problemático das mencionadas drogas.³⁰ Esse cenário, aliás, de hipocrisia, tem dificultado até mesmo a utilização da maconha para efeitos medicinais.

Essa corrida, histórica e entusiasmadamente mantida pelos Estados Unidos ao redor do mundo, pela proibição das mais variadas drogas, é, por exemplo, o que tem produzido distorções absurdas no funcionamento do sistema de controle e de punição aqui no Brasil.

Tanto é assim que se constata rapidamente que a criminalização e o tratamento processual do tráfico de drogas (Lei 11.343/2006) tem consequência mais grave do que o tráfico de pessoas (art. 149-A do CP). Tal situação não é algo isolado na atuação legislativa, “mas uma espécie de padrão em que se privilegiam, nas principais atividades do legislativo, as conveniências político-partidárias em detrimento da própria coerência dogmática.”³¹

²⁵ FRANÇA JÚNIOR, Francisco de Assis de. Criminologia das drogas: considerações a partir do excuro biográfico entre Medellín e Rocinha. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, v. 30, ano 25, São Paulo, RT, 2017. p. 269 ss.

²⁶ FRANÇA JÚNIOR, Francisco de Assis de. Criminologia das drogas: considerações a partir do excuro biográfico entre Medellín e Rocinha. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, v. 30, ano 25, São Paulo, RT, 2017. p. 272 ss.

²⁷ ESCOHOTADO, Antonio. *Las drogas – de los orígenes a la prohibición*. Madrid: Alianza Cien, 1994. p. 85-86.

²⁸ ESCOHOTADO, Antonio. *Las drogas – de los orígenes a la prohibición*. Madrid: Alianza Cien, 1994. p. 94-95.

²⁹ Sobre como o álcool tem ficado privilegiadamente de fora do debate proibicionista, recomenda-se: FRANÇA JÚNIOR, Francisco de Assis de. A missa e o álcool: uma zona desmilitarizada na relação entre a religião e a droga. *BOLETIM DO IBCCRIM*, v. 26, 2018.

³⁰ LEÓN, Lucas Pordeus. “Álcool no trânsito mata 1,2 brasileiro por hora, revela pesquisa”. Agência Brasil, 19/06/2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-06/alcool-no-transito-mata-12-brasileiro-por-hora-revela-pesquisa>. Acesso em 17.12.2024.

³¹ FRANÇA JÚNIOR, Francisco de Assis de. Sobre as consequências jurídicas da criminalização do comércio de drogas e do comércio de pessoas: um descompasso comprometedor dos valores democráticos. *Revista Eletrônica de Direito Penal e Política Criminal -UFRGS*, v.9, n. 1, 2021. p. 63.

É nessa atmosfera de propaganda proibicionista que os personagens aqui enfocados se inseriam, ambos eram bombardeados de informações que depreciavam a utilização das mais variadas drogas, informações que eram produzidas inclusive no ambiente da pesquisa científica, o que reforçava os argumentos e a necessidade de concordância.³²

Apesar disso, ainda que a ascensão nazista tenha acelerado o ideário antidrogas na Alemanha, em meados da década de 1920, o país figurava “entre os maiores produtores de morfina”, além de ser “o campeão de exportação de heroína: 98% da produção ia para o exterior”, tendo ainda produzido entre 1925 e 1930 cerca de “91 toneladas de morfina, 40% da produção mundial”, liderando “também em outra categoria de substâncias: as firmas Merck, Boehringer e Knoll dominavam 80% do mercado mundial de cocaína”³³.

Observe-se que, segundo argumentado por Peter Andreas³⁴, a metanfetamina era tratada como uma droga privilegiada, vale dizer, enquanto outras drogas eram proibidas ou desencorajadas pelo governo, a metanfetamina havia sido considerada um produto “milagroso” quando apareceu no mercado, no final da década de 1930. Na verdade, destaca o autor, a pequena pílula era a droga nazista perfeita: “Alemanha, acorde!”, os nazistas comandavam. A droga contribuiu para a obsessão do Terceiro Reich pela física.

Desse modo, historicamente, mesmo sendo consumida por uma parcela não desprezível da população nos países em que são proibidas, sobretudo na clandestinidade, e mesmo sendo favorável economicamente, é preciso notar que o contexto social no qual os personagens se inseriam era ideologicamente favorável à proibição, com iniciativas (legais e morais) que inibiam manifestações elogiosas ou simpáticas às muitas substâncias que passaram a ser proibidas, destinando-as ao trato junto ao círculo da segurança pública.

No caso de Hitler, a ideiação de que o ariano seria forte por sua própria natureza seguramente inibiu uma clara revelação de que, para aguentar as pressões da guerra, ele teria que se valer de determinadas substâncias, mas no caso de Freud isso é mais intrigante, de modo que suas experiências com a cocaína não eram propriamente um segredo, mas, apesar de sua importância, parecem ter ficado em segundo plano nos seus escritos posteriores, o que pode ter sido impactado pela atmosfera repressiva às drogas.

4 O USO DE DROGAS PELAS TROPAS ALEMÃS NA SEGUNDA GRANDE GUERRA

O endosso do ideário nazista do que já se estruturava como uma “guerra às drogas”, demonizando-se (publicamente) determinadas substâncias químicas, não impediu a utilização dessas drogas pelas tropas alemãs durante a Segunda Grande Guerra. Os soldados eram orientados ao consumo de estimulantes, intencionando-se a melhora do desempenho, o que comprometia o sono, a fome e a sede, aumentando-se a resistência.³⁵

Aliás, o próprio Freud, sem especificar a situação, já havia recomendado a cocaína para tropas em guerra, indicando-a como estimulante “muito mais potente do que o álcool”.³⁶

O que se constata é que a droga que refletia essa “adrenalina” havia sido desenvolvida em forma de pílula por uma empresa berlinense em meados de 1930, pelo químico alemão Fritz Hausschild, sendo a metanfetamina patentada em outubro de 1937.³⁷ Mas só em 1938 o estimulante apareceu no mercado com o nome de *Pervitin*; aliás, a publicidade alemã o elogiou como um medicamento inofensivo contra doenças de várias espécies.³⁸

³² FRANÇA JÚNIOR, Francisco de Assis de. Sobre pesquisas, drogas e ratos: análise crítica das verdades científicas produzidas pelos patrocinadores da “guerra às drogas”. *Revista de Estudos Criminais*, São Paulo, v. 17, n. 68, p. 21-44, jan./mar. 2018.

³³ OHLER, Norman. *High Hitler: como o uso de drogas pelo Führer e pelos nazistas ditou o ritmo do Terceiro Reich*. Trad. Sílvia Bittencourt. São Paulo: Planeta, 2017. p. 31.

³⁴ ANDREAS, Peter. *Killer High*. Oxford: Oxford University, 2020. p. 173.

³⁵ PIEPER, Werner (Hg.). *Nazis on speed – drogen im 3. Reich*. v. 1. München: Rauschkunden, 1989.

³⁶ THORNTON, E. M. *The freudian fallacy*. London: Paladin, 1986. p. 45.

³⁷ Veja-se a respeito em: MDR. *Pervitin, die Droge, mit der Hitlers Soldaten in den Krieg zogen*. 2021. Disponível em: <https://www.mdr.de/geschichte/ns-zeit/zweiter-weltkrieg/pervitin-soldaten-droge-crystal-hitler-deutsches-reich-100.html>. Acesso em: 5 fev. 2025.

³⁸ MDR. *Pervitin, die Droge, mit der Hitlers Soldaten in den Krieg zogen*. 2021. Disponível em: <https://www.mdr.de/geschichte/ns-zeit/zweiter-weltkrieg/pervitin-soldaten-droge-crystal-hitler-deutsches-reich-100.html>. Acesso em: 5 fev. 2025. O site citado ainda informa que é possível encontrar no “Deutschländmuseum” (no museu alemão) a pronta produção de pílulas originais daquele tempo.

Substâncias como essas, e mais especificamente a metanfetamina, eram inegavelmente usadas pelas tropas nazistas.³⁹ Quando as forças armadas da Alemanha conquistaram a França em apenas algumas semanas, em meados de 1940, a metanfetamina havia sido encontrada em mochilas de soldados alemães.⁴⁰ A substância fora usada para que os soldados nazistas pudessem marchar dia e noite sem perder o otimismo ou sentir fome.⁴¹

A droga não foi só usada contra os soldados franceses como também contra os soldados ingleses, segundo o relatado pelo piloto alemão Horst Freiherr von Lutitz. Observe-se:

Frequentemente era muito tarde – por volta das 22h, 23h. E de repente já era por volta de 1h, 2h da manhã, quando, então, você já estava sobre Londres ou sobre qualquer outra cidade inglesa e, claro, você estava cansado. É neste momento que você percebeu – e isso não deveria ser o caso sob nenhuma circunstância – que você ingeriu 1 ou 2 tabletes de metanfetamina e, assim, já estava tudo bem novamente.⁴²

Além disso, drogas também eram usadas contra aqueles encarados como inimigos dos alemães, tanto que “Alguns desafortunados prisioneiros dos campos de concentração, vestidos com o uniforme do exército polonês, foram drogados e depois mortos no local”⁴³.

No entanto, as aparentes vantagens do uso de drogas no campo de batalha não impediram Hitler de emitir ordens proibindo seu consumo em determinadas circunstâncias. O principal problema identificado era o uso de álcool pelos soldados alemães, a ponto de, segundo Łukasz Kamieński⁴⁴, em meados de 1940, o crescente número de incidentes envolvendo a bebida ter levado Hitler a emitir “una orden por la cual todos los soldados de la Wehrmacht a los que se declarara culpables de delitos cometidos bajo los efectos del alcohol debían ser severamente castigados, sin descartar la pena de muerte”.

Ainda assim, é incontestável que, conforme argumenta o Kamieński⁴⁵, “La farmacología desempeñó un papel crucial, a menudo silenciado, en el esfuerzo de guerra alemán, sobre todo en las fases iniciales del conflicto”. Segundo o autor⁴⁶, “La guerra relámpago no se habría producido tal y como la conocemos de no ser por el combustible que alimentaba a los carros de combate, pero tampoco sin los potenciadores farmacológicos que alimentaban a las tropas”, o que levou muitos soldados à dependência química.

Apesar do frequente uso militar, o caldo cultural de demonização das drogas resultou na criação de uma nova lei, que, conseqüentemente, traria um problema ao *Führer*.⁴⁷ Nessa empreitada, apresentava-se ainda o seu médico particular: Theodor Morell.⁴⁸ Embora o *Führer* estivesse acima da lei, a venda da metanfetamina passou a constar na lista das drogas consideradas como ilícitas pelo governo alemão. Dessa maneira, as autoridades alemãs, a partir dali, teriam a chance de rastrear a venda de cada tablete da citada droga.⁴⁹

Ocorre que, as restrições legais não significaram empecilho ao acesso à droga. Segundo argumentado por Łukasz Kamieński⁵⁰, “contrariamente a lo que se esperaba, dichas medidas no se tradujeron en una reducción sustancial

³⁹ MDR. *Pervitin, die Droge, mit der Hitlers Soldaten in den Krieg zogen*. 2021. Disponível em: <https://www.mdr.de/geschichte/ns-zeit/zweiter-weltkrieg/pervitin-soldaten-droge-crystal-hitler-deutsches-reich-100.html>. Acesso em: 5 fev. 2025.

⁴⁰ MDR. *Pervitin, die Droge, mit der Hitlers Soldaten in den Krieg zogen*. 2021. Disponível em: <https://www.mdr.de/geschichte/ns-zeit/zweiter-weltkrieg/pervitin-soldaten-droge-crystal-hitler-deutsches-reich-100.html>. Acesso em: 5 fev. 2025.

⁴¹ MDR. *Pervitin, die Droge, mit der Hitlers Soldaten in den Krieg zogen*. 2021. Disponível em: <https://www.mdr.de/geschichte/ns-zeit/zweiter-weltkrieg/pervitin-soldaten-droge-crystal-hitler-deutsches-reich-100.html>. Acesso em: 5 fev. 2025.

⁴² MDR. *Pervitin, die Droge, mit der Hitlers Soldaten in den Krieg zogen*. 2021. Disponível em: <https://www.mdr.de/geschichte/ns-zeit/zweiter-weltkrieg/pervitin-soldaten-droge-crystal-hitler-deutsches-reich-100.html>. Acesso em: 5 fev. 2025.

⁴³ SWEETING, C. G. *O piloto de Hitler*. Trad. Elvira Serapicos. São Paulo: Jardim dos Livros, 2011. p. 130.

⁴⁴ KAMIEŃSKI, Łukasz. *Las drogas en la guerra*. Una historia global. Trad. David Paradel López. Madrid: Crítica, 2017. p. 186.

⁴⁵ KAMIEŃSKI, Łukasz. *Las drogas en la guerra*. Una historia global. Trad. David Paradel López. Madrid: Crítica, 2017. p. 569.

⁴⁶ KAMIEŃSKI, Łukasz. *Las drogas en la guerra*. Una historia global. Trad. David Paradel López. Madrid: Crítica, 2017. p. 569.

⁴⁷ Veja-se a respeito: SMITH, Von Pete. Hitlers geheime Drogensucht. *ÄrzteZeitung*, 2016. Disponível em: <https://www.aerztezeitung.de/Medizin/Hitlers-geheime-Drogensucht-311969.html>. Acesso em 26.01.2025.

⁴⁸ SMITH, Von Pete. Hitlers geheime Drogensucht. *ÄrzteZeitung*, 2016. Disponível em: <https://www.aerztezeitung.de/Medizin/Hitlers-geheime-Drogensucht-311969.html>. Acesso em 26.01.2025.

⁴⁹ SMITH, Von Pete. Hitlers geheime Drogensucht. *ÄrzteZeitung*, 2016. Disponível em: <https://www.aerztezeitung.de/Medizin/Hitlers-geheime-Drogensucht-311969.html>. Acesso em 26.01.2025.

⁵⁰ KAMIEŃSKI, Łukasz. *Las drogas en la guerra*. Una historia global. Trad. David Paradel López. Madrid: Crítica, 2017. p. 590.

ni en un uso más prudente de la metanfetamina por parte del ejército”. Nesse contexto, o autor⁵¹ arremata: “Pero por más que se endureciera la normativa destinada a limitar la disponibilidad y el consumo de la droga, fue imposible evitar muchos casos de adicción entre soldados y veteranos”.

Com a proibição, Hitler parece não ter cogitado deixar de consumir as drogas que o ajudavam a digerir todas as pressões da guerra, tanto que, como antevisto, por intermédio de seu médico particular, passou a produzir seu composto químico por conta própria.⁵²

Segundo os relatos históricos, o *Führer* chegava a ingerir até 10 (dez) tabletes por dia, sobretudo nas situações de crise (que não eram poucas), até mesmo nas últimas horas de vida.⁵³ Acrescente-se a isso os relatos de que, em meados de 1942, ele já recebia do seu médico particular, além das pílulas, injeções de estimulantes em quase todas as manhãs.⁵⁴

Ironicamente, como bem observado por Peter Andreas⁵⁵, embora também fosse um dependente de diversas drogas (oitenta e duas diferentes), Hitler recriminava, em público, o vício em álcool e em tabaco: “Quanto mais alto um homem sobe, mais ele tem de ser capaz de se abster... Se um varredor de rua não está disposto a sacrificar o seu tabaco ou a sua cerveja, então penso: ‘Muito bem, meu bom homem, é precisamente por isso que você é um varredor de rua e não uma das personalidades governantes do Estado!’”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica evidente que, embora enormemente distantes em termos de contribuição para a história humana, a relação entre Freud e Hitler possui ao menos uma coisa em comum: o uso regular e oculto de drogas estimulantes que, no curso da história moderna, têm sido encaradas como ilegais. Os personagens enfocados, obviamente, nutriam finalidades bem distintas quando se utilizavam das substâncias químicas, mas não se pode deixar de destacar que suas biografias estão conectadas pela forma como essa relação com as drogas não se dá de maneira clara o suficiente para afastar especulações sobre o uso demasiado.

Não se pode deixar de destacar que o próprio caldo cultural no qual estavam imersos os personagens enfocados era contraditório, de maneira que, ao tempo em que se produziam muitas drogas estimulantes, frutificavam também iniciativas legais de proibição do consumo, ao tempo em que eram consumidas sem pudores no âmbito privado, as recriminações mais apaixonadas abundavam em público, o que nos leva ao cenário hipócrita em que ambos se inseriam. Não havia um comportamento isolado em face de determinadas drogas, mas um padrão cultural, no qual ambos aparentavam capturados.

Nesse contexto, mergulhando na vida de ambos é fácil perceber que, mesmo diante de personagens com modos de ver a vida tão diferentes, o ideário de guerra às drogas tem sido persuasivo ao desencorajar manifestações públicas com críticas à criminalização.

Nesse sentido, o presente artigo partiu do questionamento de como o ideário da “guerra às drogas” influenciou a construção de um cenário de hipocrisia na vida de Adolf Hitler e Sigmund Freud. A hipótese inicialmente formulada sustentava que ambos, ainda que sob perspectivas e contextos distintos, evitaram reconhecer os impactos das substâncias que consumiam devido à crescente moralização e criminalização do uso de determinadas drogas.

⁵¹ KAMIENSKI, Łukasz. *Las drogas en la guerra*. Una historia global. Trad. David Paradela López. Madrid: Crítica, 2017. p. 591.

⁵² SMITH, Von Pete. Hitlers geheime Drogensucht. *ÄrzteZeitung*, 2016. Disponível em: <https://www.aerztezeitung.de/Medizin/Hitlers-geheime-Drogensucht-311969.html>. Acesso em 26.01.2025.

⁵³ SMITH, Von Pete. Hitlers geheime Drogensucht. *ÄrzteZeitung*, 2016. Disponível em: <https://www.aerztezeitung.de/Medizin/Hitlers-geheime-Drogensucht-311969.html>. Acesso em 26.01.2025.

⁵⁴ SMITH, Von Pete. Hitlers geheime Drogensucht. *ÄrzteZeitung*, 2016. Disponível em: <https://www.aerztezeitung.de/Medizin/Hitlers-geheime-Drogensucht-311969.html>. Acesso em 26.01.2025.

⁵⁵ ANDREAS, Peter. *Killer High*. Oxford: Oxford University, 2020. p. 184.

Essa dinâmica foi impulsionada por interesses políticos e econômicos que consolidaram o proibicionismo como um instrumento de controle social.

A análise dos dados históricos e da literatura permitiu confirmar essa hipótese. Hitler, embora tenha promovido publicamente um discurso de austeridade e moralismo em relação a vícios, consumia regularmente diversas substâncias psicoativas, incluindo opioides e metanfetaminas, muitas vezes sob supervisão médica. Freud, por sua vez, foi um dos primeiros entusiastas da cocaína e chegou a defendê-la como substância terapêutica, mas posteriormente silenciou sobre o tema em sua produção acadêmica mais densa. Em ambos os casos, fica evidente a contradição entre o discurso e a prática, reforçando o argumento de que o proibicionismo não se baseia exclusivamente em critérios científicos, mas em construções ideológicas e interesses geopolíticos, que restringe a possibilidade de abordagens mais racionais e eficazes para lidar com o uso problemático de drogas.

O presente estudo também atingiu seu objetivo ao demonstrar que a “guerra às drogas”, historicamente apartidária, tem servido como ferramenta de controle político e social, independentemente do regime que a adota. No caso do nazismo, enquanto o governo condenava publicamente o uso de drogas, estimulava o consumo de substâncias como a metanfetamina entre suas tropas para fins estratégicos. No meio intelectual, a repressão ao consumo de determinadas substâncias também levou à omissão ou minimização de suas influências, como se observou na trajetória de Freud.

Assim, conclui-se que o ideário proibicionista consolidou um ambiente de hipocrisia, onde determinadas substâncias foram demonizadas conforme interesses políticos, enquanto seu consumo continuou presente em diversos contextos, muitas vezes de forma velada. A reflexão crítica sobre esse paradoxo se mantém relevante, sobretudo diante dos impactos das políticas proibicionistas contemporâneas, que seguem reproduzindo distorções no campo jurídico, social e científico.

10

REFERÊNCIAS

ANDREAS, Peter. *Killer High*. Oxford: Oxford University, 2020.

COHEN, David. *Freud e a cocaína*. Trad. Maria Cristina Torquillo Cavalcanti. Rio de Janeiro: Record, 2014.

ESCOHOTADO, Antonio. *Las drogas – de los orígenes a la prohibición*. Madrid: Alianza Cien, 1994.

FRANÇA JÚNIOR, Francisco de Assis de. A missa e o álcool: uma zona desmilitarizada na relação entre a religião e a droga. *BOLETIM DO IBCCRIM*, v. 26, 2018.

FRANÇA JÚNIOR, Francisco de Assis de. *Criminologia das drogas - desvelando o vício brasileiro pela guerra*. São Paulo: Meraki, 2021.

FRANÇA JÚNIOR, Francisco de Assis de. Criminologia das drogas: considerações a partir do excuro biográfico entre Medellín e Rocinha. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, v. 30, ano 25, São Paulo, RT, 2017.

FRANÇA JÚNIOR, Francisco de Assis de. Sobre as consequências jurídicas da criminalização do comércio de drogas e do comércio de pessoas: um descompasso comprometedor dos valores democráticos. *Revista Eletrônica de Direito Penal e Política Criminal -UFRGS*, v.9, n. 1, 2021.

FRANÇA JÚNIOR, Francisco de Assis de. Sobre pesquisas, drogas e ratos: análise crítica das verdades científicas produzidas pelos patrocinadores da “guerra às drogas”. *Revista de Estudos Criminais*, São Paulo, v. 17, n. 68, p. 21-44, jan./mar. 2018.

- KAMIENSKI, Łukasz. *Las drogas en la guerra*. Una historia global. Trad. David Paradela López. Madrid: Crítica, 2017.
- LEÓN, Lucas Pordeus. “Álcool no trânsito mata 1,2 brasileiro por hora, revela pesquisa”. Agência Brasil, 19/06/2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-06/alcool-no-transito-mata-12-brasileiro-por-hora-revela-pesquisa>. Acesso em 17.12.2024.
- MARKEL, Howard. *An Anatomy of Addiction: Sigmund Freud, William Halsted, and the Miracle Drug Cocaine*. New York: Vintage, 2012.
- MDR. *Pervitin, die Droge, mit der Hitlers Soldaten in den Krieg zogen*. 2021. Disponível em: <https://www.mdr.de/geschichte/ns-zeit/zweiter-weltkrieg/pervitin-soldaten-droge-crystal-hitler-deutsches-reich-100.html>. Acesso em: 5 fev. 2025.
- MENDONÇA, Júlia Reis da Silva. A droga como um recurso ao mal-estar na civilização. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 240-260, ago. 2011.
- OHLER, Norman. *High Hitler: como o uso de drogas pelo Führer e pelos nazistas ditou o ritmo do Terceiro Reich*. Trad. Silvia Bittencourt. São Paulo: Planeta, 2017.
- PIEPER, Werner (Hg.). *Nazis on speed – drogen im 3. Reich*. v. 1. München: Rauschkunden, 1989.
- SMITH, Von Pete. Hitlers geheime Drogensucht. *ÄrzteZeitung*, 2016. Disponível em: <https://www.aerztezeitung.de/Medizin/Hitlers-geheime-Drogensucht-311969.html>. Acesso em 26.01.2025.
- SWEETING, C. G. *O piloto de Hitler*. Trad. Elvira Serapicos. São Paulo: Jardim dos Livros, 2011.
- THORNTON, E. M. *The freudian fallacy*. London: Paladin, 1986.
- UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME. *Relatório Mundial sobre Drogas 2024 do UNODC alerta para o crescimento do problema das drogas no mundo em meio à expansão do uso e dos mercados de drogas*. 2024. Disponível em: <https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2024/06/relatorio-mundial-sobre-drogas-2024-do-unodc-alerta-para-o-crescimento-do-problema-das-drogas-no-mundo-em-meio-expanso-do-uso-e-dos-mercados-de-drogas.html>. Acesso em: 5 fev. 2025.